

*"Esse Terreiro Tem História":
Ensinando História e
Cultura Afro-Brasileira por
meio de um estudo sobre o
Candomblé*

Leonardo de Jesus Tavares

04/10/2016



UFRRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO



PROF**HISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA







Contando uma História de resistência e superação

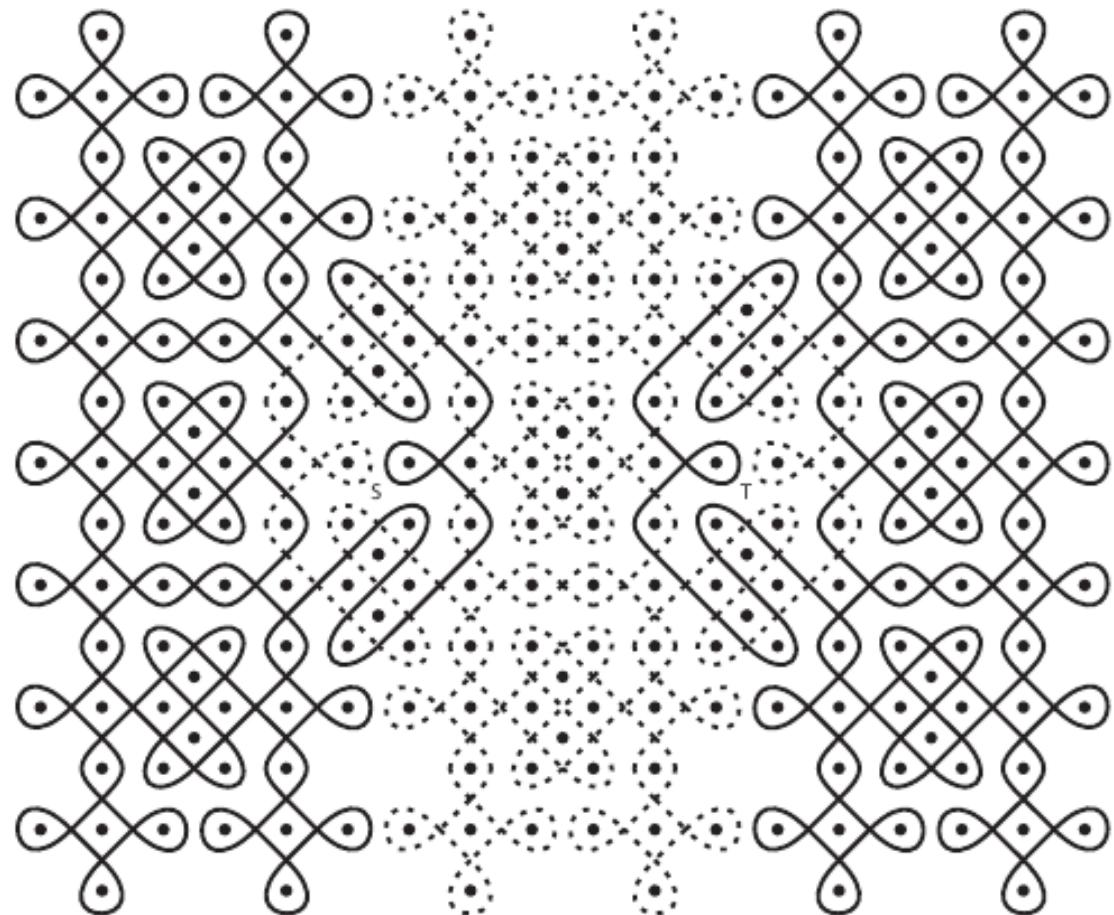
Apresento nesse texto algumas passagens da história de vida de minha tia, uma verdadeira fonte de inspiração na sua atitude de honrar a religião dos orixás – candomblé. Pessoa extremamente simples, dona de uma humildade e uma tranquilidade que saltam aos olhos, seu nome, Teresa Maria.

Nas próximas páginas apresento meus esforços para concentrar em poucas palavras os acontecimentos da vida de dona Teresa, e a história da sua relação com o candomblé. Mesmo sendo o relato de vida de uma líder religiosa, não pretendo fazer desse texto propagandista, nem tampouco estabelecer proselitismo; o objetivo primordial do trabalho é colaborar para estabelecer uma visão positivada e acima de tudo, incitar o respeito religioso.





qkan 1





Antes de nascer eu já existia

Existem algumas pessoas que possuem uma energia pessoal tão grande que conseguem nos marcar de uma forma que não conseguimos prever. Esse conjunto de histórias que virão a seguir, fazem parte de uma experiência de vida com uma dessas pessoas, alguém que ensina sem dizer que está ensinando, uma pessoa que não desperdiça as palavras, ao contrário, valoriza cada palavra, cada frase.

Os povos africanos tradicionais consideram a palavra a manifestação mais próxima entre o ser humano e Deus. Palavra é uma força fundamental que emana do próprio Ser Supremo, o criador de todas as coisas. A palavra é o instrumento da criação¹. Por ser algo tão divino, o uso das palavras

¹ Trecho extraído do capítulo A tradição Vida, de Hampâté Bâ: “... a Palavra, *Kuma*, é uma força fundamental que emana do próprio Ser Supremo, *Maa Ngala*, criador de todas as coisas. Ela é o instrumento da criação.” (BÂ, 1980, p. 170)





não deveria ser desperdiçado para destruir, nem fazer surgir sentimentos negativos sobre ninguém.

Entre os povos africanos existiam alguns grupos que ficavam responsáveis por repassar os ensinamentos. Eram os conhecedores das tradições, ou conhecedores-tradicionalistas. De todos os ensinamentos, o domínio da palavra era o mais importante e valorizado, por ser a capacidade de falar, aquilo que nos aproxima a divindade da criação.

Outro grupo importante para os povos africanos eram os *griots*. Eles reuniam a população para contar e recontar as histórias que davam sentido a sociedade, as histórias que permitiam entender a forma de pensar e de agir dos africanos. Os *griots* lidavam mais com o envolvimento entre o público e as histórias, diferente dos conhecedores que precisavam ser mais rigorosos e firmes com as palavras, pois era a forma de manter contato com as divindades.





No Brasil essas duas funções se misturaram – conheededor e *griot* – fazendo surgir algo exclusivamente brasileiro. Apenas na cultura afro-brasileira aqueles que transmitem os ensinamentos religiosos, também organizam a forma de celebrar publicamente a representação das histórias das divindades.

A seguir, apresento a história de uma mulher, que reúne as características marcantes de conheedadora e *griot* da tradição religiosa do candomblé, uma mãe-de-santo do candomblé, brasileira, negra, moradora de favela no Rio de Janeiro, que construiu sua vida na religião através de um ato de gratidão e amor por um filho.

A função legitima da palavra é construir. Construir comunicação positiva entre as pessoas, construir harmonia onde antes havia desencontro de ideias. Então, as palavras que apresento nessa história falam sobre a vida de uma mulher negra, e sobre a tranquilidade e sabedoria que ela



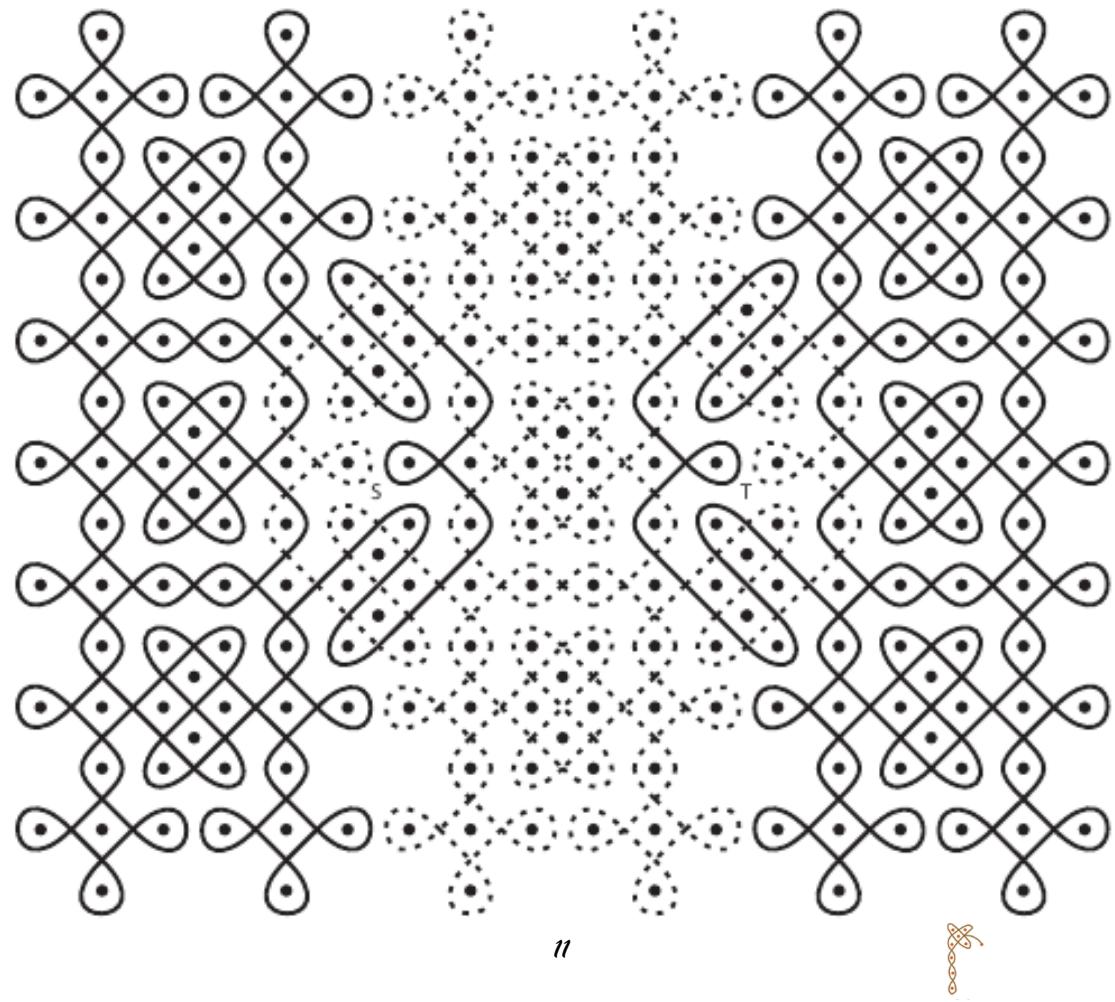


desenvolveu para enfrentar os desafios que aconteceram em sua vida. Seu nome: Teresa Maria Tavares da Rocha, mas eu prefiro chama-la da forma que aprendi com meu pai: dona Teresa.





méjì 2





Como poderia alguém “existir antes de nascer”?

Durante a década de 1930, os pais de dona Teresa – Lindaura e José (Zé Mulato) – desejavam o nascimento de uma menina, para formar um casal com o filho já nascido – Eugênio. A vontade do casal, foi ganhando força pois dia após dia da gravidez os “mais antigos” do local olhavam a barriga de Lindaura e afirmavam: “dessa vez viria uma menina!”

Em janeiro de 34, chegou o momento do parto. Quando chegou “a Hora”, o pai – José – estava no trabalho, onde recebeu a notícia e foi diretamente registrar a criança. Confiante de que seria uma menina, registrou o nome de Teresa Maria, e só depois do registro realizado foi para casa.

A criança nascida era um menino, e havia nascido morto. A tristeza tomou conta de todos. Marido, esposa e filho, lamentaram o destino





daquela criança, mas se apoiaram para superar aquela tristeza grande.

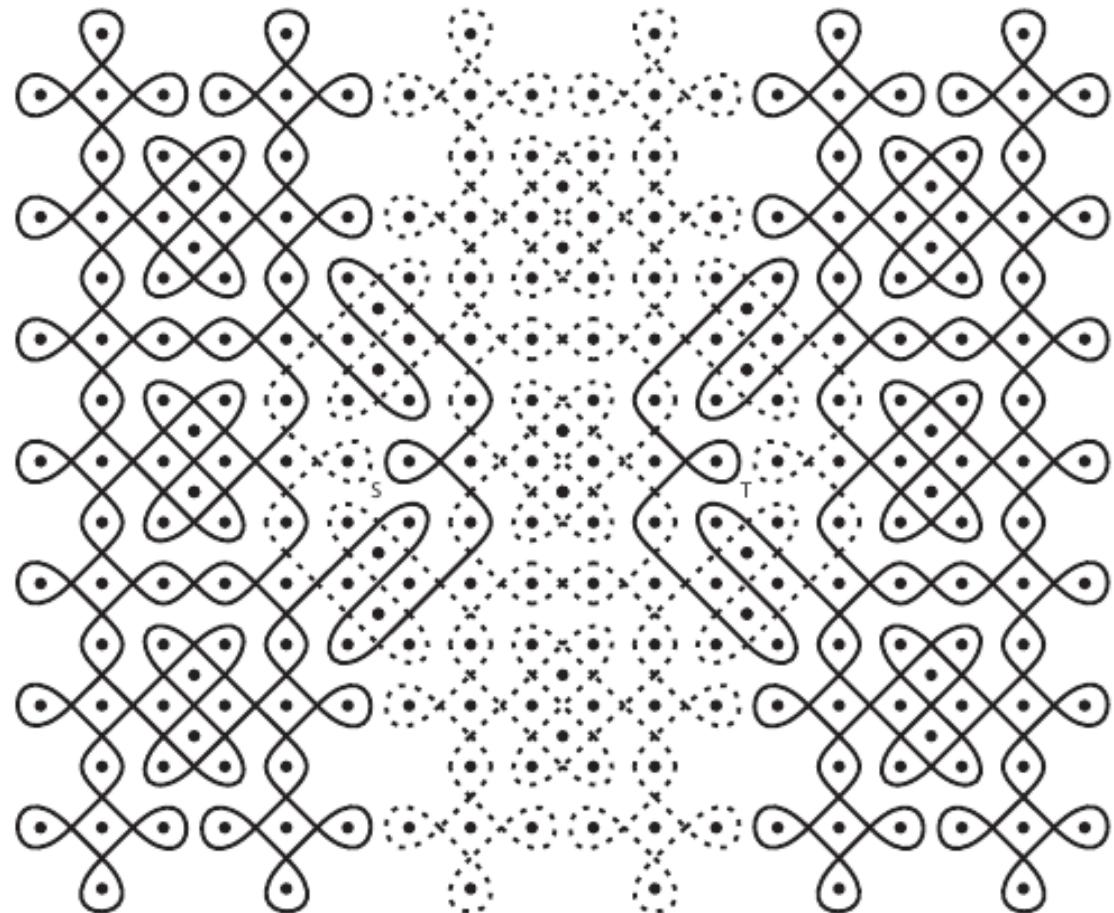
Dois anos mais tarde, uma nova gravidez, e a esperança se confirmou, a tão esperada menina enfim nasceu. O ano era 1936, aquela menina que estava nascendo, já existia para aqueles pais. Era bem claro para eles, que mesmo antes de nascer Teresa já existia. E foi assim que Teresa veio ao mundo. Já existia na vida de sua família, dois anos antes de nascer, pelo desejo que todos tinham pela sua vida.

Aquela família ainda teria mais um membro, o caçula de três irmãos – José Filho – que se tornou futuramente o meu pai. Em outro momento contarei sobre as histórias de meu pai, por que agora o momento é de dona Teresa.





meta 3





Sentir o vento sagrado dos orixás

Entre a infância e a adolescência, mesmo sendo praticante do catolicismo, dona Teresa viveu momentos de contato com energias dos orixás. Foram, ao todo quatro acontecimentos, que tiveram relação com as energias de axé dos orixás presentes na vida de dona Teresa.

Aos 3 anos de idade – no ano de 1939 – a pequena dona Teresa, brincava com os vários cães criados no quintal de sua casa, e por um dia parou de se comunicar normalmente. Os pais correram com a criança para uma rezadeira local, que realizou um banho de ervas na menina que voltou a normalidade.

Aquela rezadeira, falou aos pais que a sua filha tinha dentro de si as energias de axé – as forças dos orixás de candomblé – e que em seu caminho ainda aconteceriam outros três eventos relacionados





aos orixás que protegiam a menina. Porém o pai de dona Teresa não permitiu que sua filha começasse a participar do candomblé.

Zé Mulato – o pai de Teresa – sabia que as populações negras sempre sobreviveram lutando contra um preconceito intenso em relação as coisas de sua cultura. Ele mesmo, um homem que gostava das rodas de samba, sabia a violência que o controle policial exercia sobre sambistas negros e pobres, que eram tratados como marginais.

Por mais que Zé Mulato não fosse um homem preconceituoso sobre as coisas da cultura negra, ele sabia que existia um peso de violência e preconceito sobre todas as atividades relacionadas ao povo negro, e principalmente sobre os praticantes do candomblé – religião dos orixás. Ele apenas desejava afastar sua filha desse tipo de experiência com o preconceito, já que contra o preconceito relacionado a sua pele – negra – ele possivelmente não seria capaz de proteger sua criança.





A pequena dona Teresa seguiu sua vida, nos anos seguintes, sem ser levada a nenhum terreiro de candomblé. Aos 7 anos (no ano de 1943), esteve durante um dia inteiro caminhando nas margens da Baía de Guanabara, onde existia a Ilha de Saravatá. Naquele dia, a menina dona Teresa banhou-se nas águas – ainda não poluídas – e só foi encontrada a noite, depois de muita busca e preocupação de toda sua família. No início da noite, dona Lindaura e seu Zé Mulatinho encontraram a menina nas areias da praia, descansando e totalmente encharcada, por ter passado o dia todo nadando.

Dona Lindaura passou a levar e trazer a filha da escola em todos os dias, para evitar que desaparecesse novamente. Os anos se passaram, dona Teresa seguia estudando e passou a ajudar em casa, com trabalho de empregada doméstica nas casas de famílias ricas.

No ano de 1950, dona Teresa aos 14 anos de idade trabalhava como empregada doméstica em





uma residência no bairro de Brás de Pina. Nesse período de sua vida, dona Teresa foi novamente tomada pelas forças de axé. Ao retornar para casa, tomou o caminho de uma pequena trilha, que levava às matas próximas à Baía de Guanabara. Caminhando, foi entrando cada vez mais na floresta, e mesmo nesse ambiente onde os animais selvagens ofereciam um grande perigo, a jovem dona Teresa seguia, mata a dentro.

Encontrada por um caçador de tatus, a menina estava cheia de folhas das arvores, e com o corpo machucado pelas plantas espinhentas, esteve caminhando durante uma noite e um dia inteiro, e já estava entrando na segunda noite de caminhada pelo interior da mata. Aquele caçador levou dona Teresa para casa, onde ela foi cuidada pela sua esposa e filha. Com banho tomado e roupas novas, almoçou e foi levada para a estação de trem, de onde retornou para casa.





Aos dezessete anos, aconteceu mais um evento com as energias de axé, na vida de dona Teresa. O ano era 1953, em uma tarde de compras para a residência onde trabalhava, ela seguiu em direção a um cemitério, onde passou um dia inteiro caminhando. No horário de fechar as portas do cemitério, a menina foi encontrada pelo zelador do local, que se assustou com a cena da menina dormindo no chão de terra, mais assim mesmo acordou dona Teresa. Colocada no transporte, chegou na casa dos patrões sem saber explicar o que havia acontecido.

Esses eventos ocorridos com dona Teresa, representavam energias – o axé – de três orixás: *Iemanjá*, a orixá maternal, presente nas águas do mar, *Oxóssi*, o orixá caçador, presente nas florestas, entre a mata e os animais; e *Omulu*: o orixá curador, capaz de tratar das doenças do corpo e da alma, e que representa a possibilidade de vida e de morte. Dona Teresa tinha em si, desde sempre, essas três





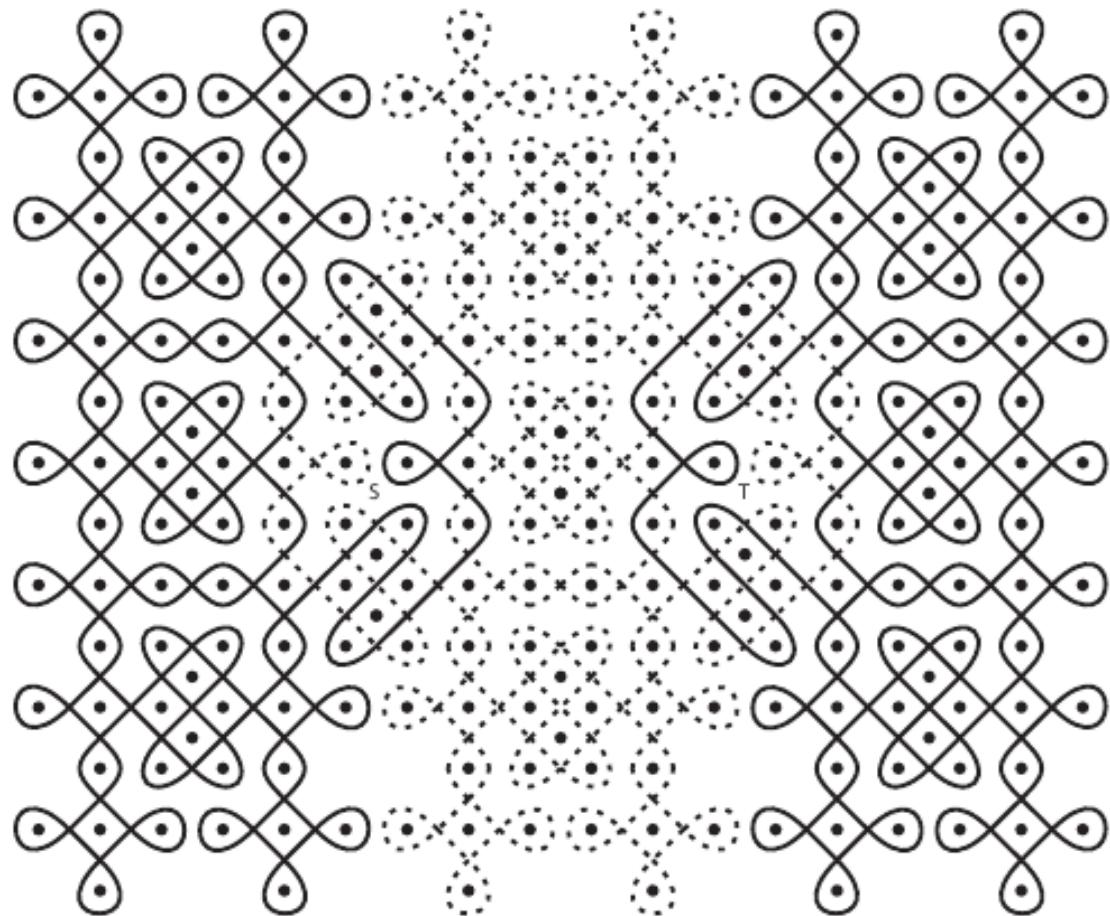
forças de axé. Em pouco tempo, ela iria receber a missão de zelar pelas energias espirituais dos orixás de candomblé, através de um acontecimento traumático em sua família.

Nos meses seguintes, esses outros eventos não voltaram a acontecer. Dona Teresa seguiu a vida, e como uma jovem católica, foi buscar tranquilidade entre suas orações. A vida seguiu seu ritmo normal de acontecimentos; dona Teresa casou-se com Moacir da Rocha, e logo vieram os filhos. Celeste Helena – nascida em 1959 – e José Ronaldo – nascido em 1961 – formaram o casal de filhos. Até que em 1965, chegou mais um menino, Osvaldo, que rapidamente foi apelidado de Dinda.





merin 4





Um abraço de amor e esperança

Osvaldo, o Dinda, era um menino com saúde perfeita, e muito alegre. Porém, aos dois anos de idade, as suas pernas paralisaram repentinamente. A paralisia se espalhava por todo o corpo da criança, que não conseguia sustentar a cabeça, e ainda apresentava dificuldade para respirar.

Dona Teresa e seu Moacir levaram o pequeno Dinda para o socorro no Hospital Getúlio Vargas – bairro da Penha – onde o médico em uma rápida avaliação sobre a situação da criança, identificou que se tratava de poliomielite, também conhecida como paralisia infantil, uma doença que causava problemas no sistema nervoso de muitas crianças, e que, segundo o médico, não tinha cura. O tratamento era muito difícil, e possivelmente a criança ficaria paralítica.

A solução seria dar condições para a criança viver usando um aparelho que ajudaria o pulmão a





funcionar: o pulmão de aço. Fora isso nada mais poderia ser feito pela medicina para recuperar a criança.

O amor de mãe e o desespero falaram mais alto, e dona Teresa aceitou que seu filho fosse colocado no “pulmão de aço”, uma assustadora máquina que envolvia todo o corpo do menino, deixando apenas a cabeça para o lado de fora. Ao olhar o filho caçula naquela condição, o coração de dona Teresa não aguentou e ela decidiu que levaria o filho para casa.

Pai e mãe retiraram o menino da máquina, e buscaram ajuda na fé, dentro da igreja de São Sebastião, em Parada de Lucas. Naquele local onde a religião católica se manifesta, ocorreu o contato que uniria definitivamente dona Teresa com o candomblé. A zeladora da Igreja, observou a criança coberta pela manta, colocada sobre o altar, com os pais ajoelhados e chorando muito.





A zeladora perguntou se a criança estava morta, e dona Teresa respondeu chorando que ele estava muito doente, e que o médico disse que não teria cura para a doença dele. Sensibilizada com o desespero do casal, aquela senhora deu um longo abraço em dona Teresa, um abraço cheio de amor e esperança.

Depois de receber aquele abraço, a senhora indicou para dona Teresa e seu Moacir o caminho de um terreiro localizado entre parada de Lucas e Vigário Geral, onde eles deveriam falar com a mãe-de-santo dona Darci.

A caminhada longa, foi feita a pé e com muita pressa. Carregando o menino no colo, subiram o caminho que levava ao barracão de dona Darci, e esperaram para falar sobre o problema de saúde que o seu filho estava passando. Ao escutar com atenção, mãe Darci pediu que trouxessem a criança para o interior do barracão, e mandou que todos que esperavam fossem embora, por que os problemas





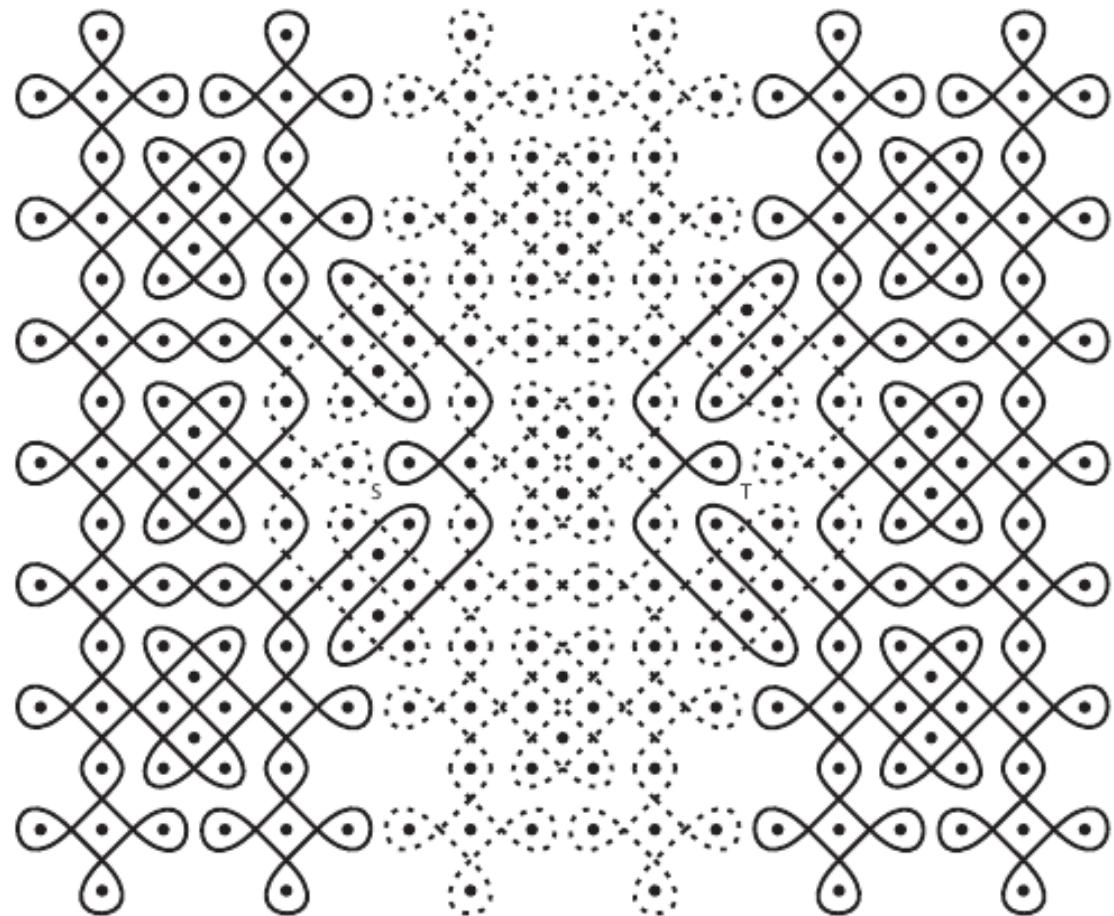
deles, fossem de trabalho, de casamento, ou qualquer outra coisa, eram menores do que o que ela iria lutar para conseguir. Ela iria lutar para salvar a vida de uma criança.

Colocado sobre a mesa, no centro do terreiro, os trabalhos para *Obaluaê* – manifestação do poder de cura das doenças – foram realizados com muita dedicação e fé, tudo com a participação de dona Teresa e seu Moacir, e depois de tudo terminado, Osvaldo recuperou a firmeza no corpo, caminhou, pulou, correu e brincou como era antes da doença.





márún 5





Como explicar o inexplicável?

Depois que seu filho se recuperou totalmente dos sintomas da paralisia, dona Teresa e seu Moacir retornaram ao Hospital onde o médico afirmou que não existiam chances de cura para o menino. Ao ver o casal, o médico primeiramente pensou que eles estavam indo avisar que a criança tinha morrido, após ter sido retirada do pulmão de aço sem a autorização médica. As palavras de acusação, culpando de irresponsáveis por terem retirado a criança do ambiente hospitalar já começavam a sair da boca do médico, quando de repente, surgiu no pátio do hospital, pulando pelo corredor, o filho que o casal havia retirado do hospital, totalmente recuperado dos sintomas da paralisia infantil que ele apresentava dias antes.

O médico reagiu, com espanto, mas rapidamente perguntou se aquele era um irmão gêmeo da criança doente. Dona Teresa afirmou que





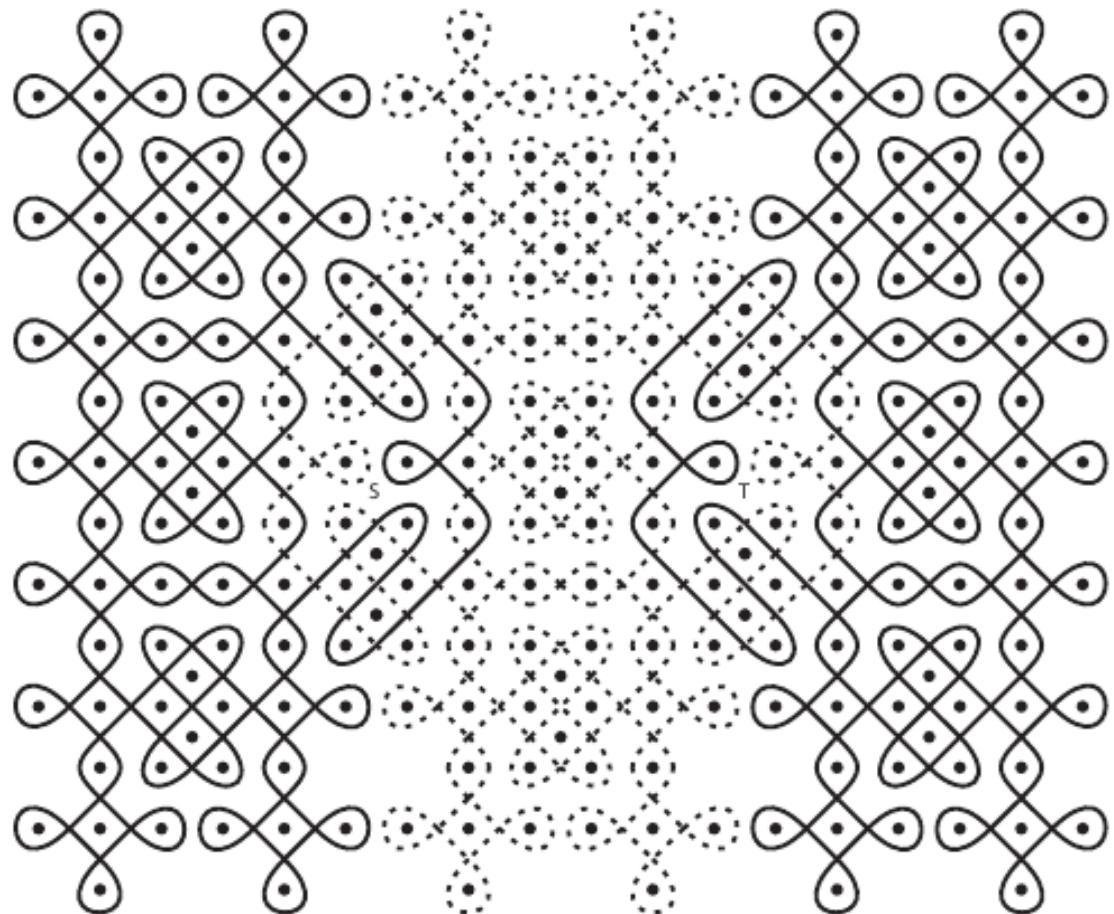
não. Aquele era o filho que ali esteve adoentado, e que o médico afirmou que: ou morreria, ou ficaria paralisado para sempre. O espanto do médico, contrastava com a felicidade de dona Teresa ao apresentar o filho plenamente recuperado. O fato era que não havia explicação para algo tão extraordinário.

Depois de ter seu filho curado daquela grave doença, dentro de um terreiro de candomblé, dona Teresa desenvolveu uma gratidão enorme com essa religião. A aproximação se deu pela gratidão até que o candomblé, e a missão de zeladora foi se tornando parte fundamental de sua vida.





méfà 6





Tocada pelo axé dos orixás

Nos meses seguintes a cura de seu filho, dona Teresa continuou levando a criança para o terreiro de dona Darci, onde recebia uma atenção especial com orações e banhos de ervas. O sentimento de gratidão fez com que dona Teresa fosse se envolvendo nas funções do terreiro, até que um dia, dona Darci veio até dona Teresa, e revelou o significado de acontecimentos da sua infância, revelados na leitura do jogo de búzios.

Dona Darci lembrou dos eventos da praia, da mata e do cemitério e de quando esteve doente sem razão aparente na infância, e disse que eram demonstrações da relação que ela possuía com o axé dos orixás, mesmo sem ser praticante de candomblé. Ela tinha sido, desde a infância, tocada pelo axé dos orixás e que essa seria uma missão que ela deveria realizar.



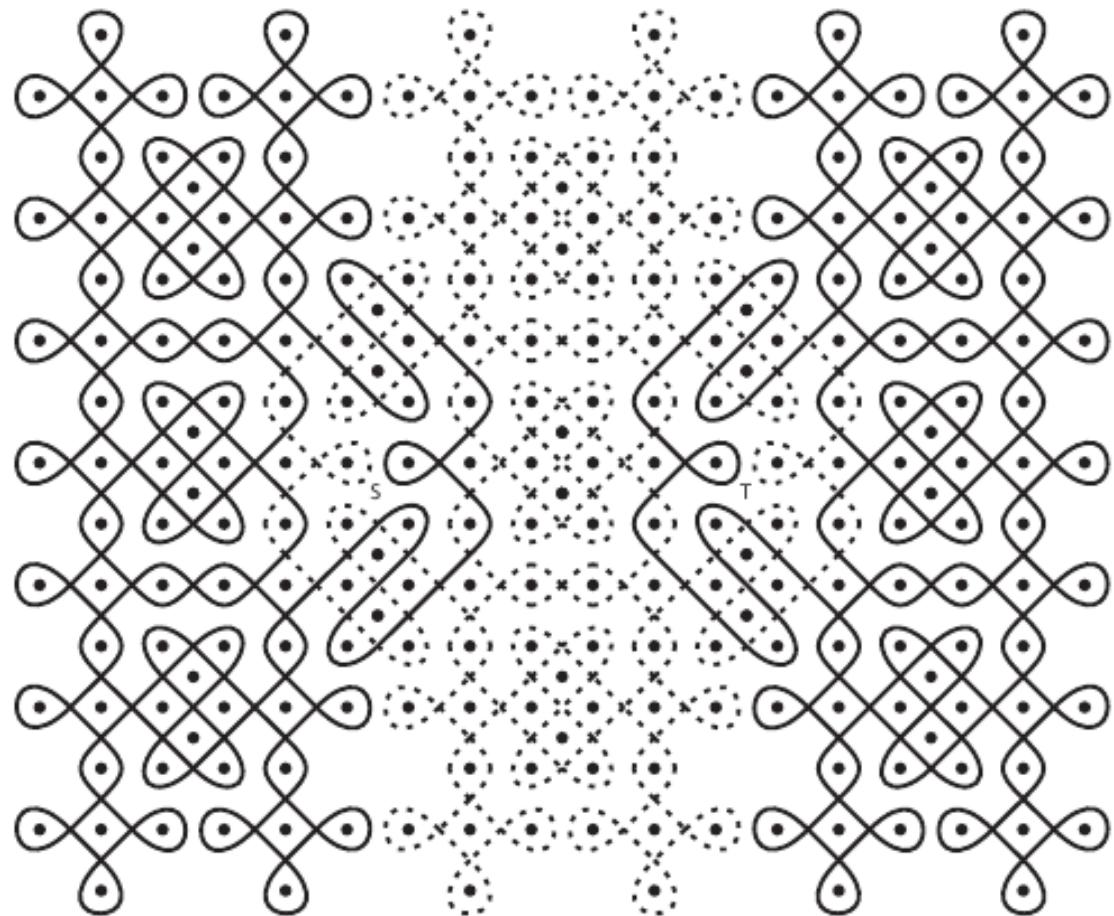


Agradecida pela cura alcançada em seu filho Osvaldo, Dona Teresa abraçou a missão espiritual que se transformou na marca de sua vida. Iniciou-se no candomblé, como forma de agradecer aos orixás do candomblé por terem recuperado a saúde do filho, e dedicou todo o resto de sua vida na missão de zelar pelas energias de axé dos orixás.





méje 7





O olhar que ensina

Entre as coisas marcantes que existem na tradição afro-brasileira, o aprendizado – as formas de se aprender – são o que mais desperta curiosidade. Na maioria das manifestações da tradição afro-brasileira, o que se tem para aprender não é ensinado de forma sistemática, com o formato tradicional professor-aluno. Muitos dos ensinamentos aprendidos dentro das religiões de matriz-africana ocorrem pela observação. Um exemplo desse procedimento de aprendizagem, pode ser demonstrado em uma passagem da formação de dona Teresa, ainda na função de mãe-pequena da casa onde se iniciou.

A leitura do jogo de búzios é uma das atividades mais cheias de mistério entre os rituais das religiões de matriz africana. Mistura de interpretação de dados (o resultado do cálculo das quedas dos búzios no tabuleiro) juntamente com





uma sensibilidade espiritual (percepção e capacidade de visualizar os arquétipos da pessoa que vem se consultar), na formação de dona Teresa a interpretação do jogo de búzios não foi ensinada.

Dona Teresa, recebeu o nome de Mireuá dentro do terreiro onde fez sua iniciação. E nos anos em que atuou como mãe-pequena do terreiro, esteve responsável por várias funções, mas a leitura de búzios esteve sempre na responsabilidade da ialorixá do terreiro. Mesmo sem receber o ensinamento sobre a leitura do jogo de búzios, dona Teresa sempre tentou observar, para tentar entender minimamente o funcionamento dos búzios.

Certa vez, antes mesmo de cumprir a obrigação dos sete anos, Dona Teresa, foi indicada para fazer o jogo de búzios de uma pessoa que buscava consulta no terreiro. Mesmo sentindo um pequeno receio de realizar algo que não lhe haviam ensinado ainda, dona Teresa seguiu na direção da mesa, para lançar os búzios e interpretar as quedas





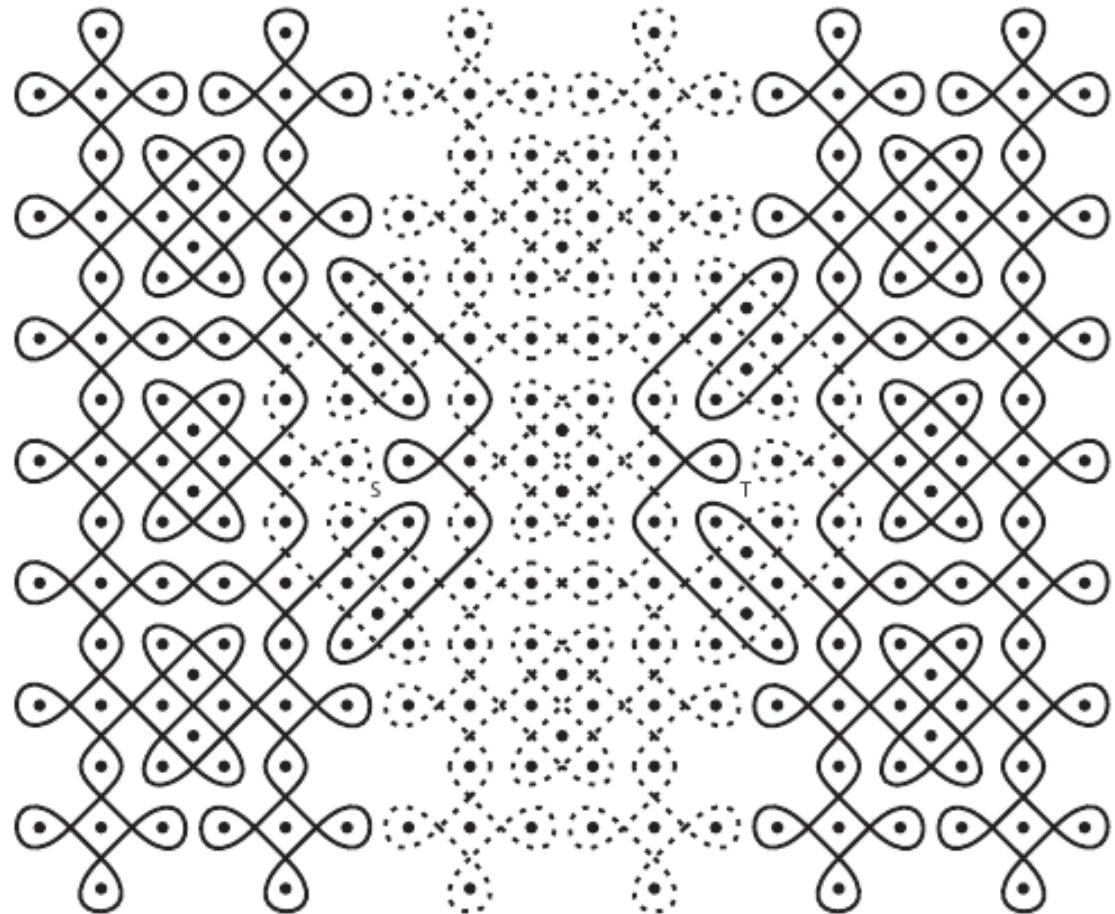
de acordo com um sopro de intuição que tomava sua consciência.

A cada queda, o que lhe vinha a consciência era repassado aquela mulher, que respondia positivamente ao que lhe era transmitido sobre características pessoais e as ansiedades que haviam lhe levado até aquele terreiro. Nessa primeira consulta, dona Teresa conseguiu fazer uma orientação completa sem nenhum tipo de auxílio para a leitura dos búzios, e aumentou ainda mais o respeito que tinha entre o povo daquela casa de axé.





mejø 8





Sabe por que eu chamo sua tia de “Dona”?

Dona Teresa.

Vamos passar na casa de dona Teresa esse final de semana.

Dona Teresa disse que a gente tem que passar lá, hein!

Foi assim que eu sempre ouvi quando se falava dela na minha casa. Meu pai – irmão dela – sempre se referiu dessa forma sobre ela. Eu ficava pensando quais seriam os motivos que fariam um irmão tratar a irmã com tanta reverência.

Por mais que pareça estranho quando se fala, não era um “dona” com características autoritárias e nem de superioridade de um sobre o outro. Nada disso. Era uma forma até carinhosa de tratamento entre irmão mais novo e irmã mais velha. Porém, por se tratar de irmãos com seis anos de diferença entre si, não havia uma distância tão grande de criação





que justificasse a opção pelo termo “dona”. Mas certa vez, meu pai me respondeu sobre a razão do uso dessa expressão.

Disse meu pai:

– Chamo sua tia de “dona” porque ela impõe respeito. E não é por que eu sou irmão dela que eu não tenho que demonstrar meu respeito por ela e pelo que ela faz.

Quando meu pai falou isso comigo, eu tinha talvez 6, ou 5 anos, estava pensando que teria que chamar minha irmã mais velha de “dona” e por isso perguntei. Ele me disse que não chamava de “dona” por obrigação, era algo natural que ele sentia necessidade de fazer, mesmo sendo sua irmã, mesmo não tendo uma grande diferença de idade.

-- O que sua tia faz é muito grande, ela lida com forças da natureza que ajudam as pessoas a se sentir melhor.

A partir daquele momento, eu comecei a achar bonita a forma como meu pai tratava com respeito e





admiração a sua irmã – minha tia – dona Teresa. O significado daquelas palavras, ficaram eternamente em mim. Passei a me esforçar para entender que forças da natureza eram essas, e como poderia uma pessoa tão fisicamente frágil lidar com essas forças tão poderosas.

Com o passar dos anos, fui descobrindo que as tais forças da natureza das quais meu pai se referia eram as manifestações do axé, os orixás. Pela observação fui capaz de perceber que Dona Teresa, sempre calma, tranquila e com uma fala serena, era portadora de uma energia pessoal enorme. Essa energia transbordava através da fala, uma capacidade de envolver as pessoas no assunto, e desenvolver mais e mais aspectos dentro de uma conversa que só tinha início, e nunca fim.

A Oralidade é o que eu consigo determinar como a característica mais marcante de dona Teresa. Cada momento de conversa com ela sempre foi uma grande possibilidade de construir





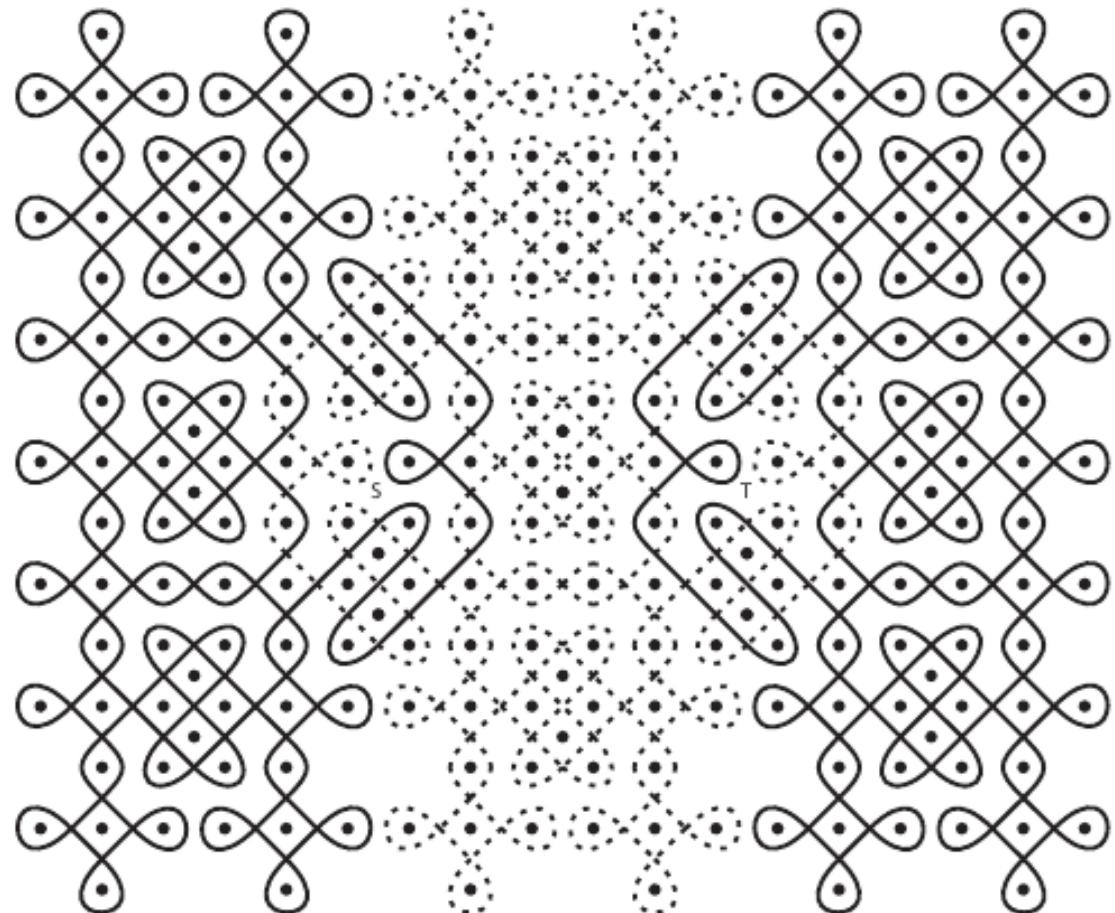
autoconhecimento e equilíbrio de energia. Aborrecimento se dissolve em tranquilidade, raiva se dissolve em superação.

Ainda mais tarde, depois de amadurecer com a passagem dos anos, fui capaz de perceber que essa tranquilidade que sempre transbordou de Dona Teresa, se chamava Axé – energia vital. O Axé que se revela em Dona Teresa, não é ruidoso, é discreto e calmo assim como sua portadora. Mas mesmo dentro dessa discrição é capaz de impactar aqueles que com ela tem contato.





mesàán 9





Esse terreiro tem História.

A primeira vez que eu vi dona Teresa sob efeito da força dos orixás foi em uma saída de santo, no terreiro em Cordovil/RJ, onde minha família paterna havia morado. Este terreiro também foi onde meus pais viveram no início do casamento, até quando eu nasci. Vivi alguns meses nesse local, que foi transformado no terreiro de dona Teresa.

Era um espaço grande, bem distribuído, com acesso à natureza daquela parte montanhosa de Cordovil. Um local muito adequado para se trabalhar com o axé dos orixás. Havia muitas rochas na subida que levava até o terreiro. Eram rochas organizadas harmonicamente em formato de escada. Eu ainda criança subia aquela escadaria de pedra como se fosse uma aventura, um desafio a ser superado.





Outro aspecto que me despertava encantamento era a parte interna do terreiro – que chamávamos de barracão. O teto forrado por uma tela de pipoca, cuidadosamente bordada. Aos meus olhos aquela quantidade de pipoca, fazendo um bordado no alto da casa despertava enorme curiosidade. As pipocas eram uma referência para *Obaluaê* - um dos orixás da cabeça de dona Teresa.

O *ítòn*² “*Obaluaê* tem as feridas transformadas em pipoca por *lansã*” explica o momento em que as feridas de varíola que cobriam o corpo do orixá foram transformadas em pipoca pelos ventos de *lansã*: “... *lansã* chegou então bem perto dele e soprou [...] Nesse momento de encanto e ventania, as feridas de *Obaluaê* pularam para o alto, transformadas numa chuva de pipocas, que se espalharam brancas pelo barracão ...” (PRANDI, 2001, p. 207). A pipoca

² *Íton* (ou *Itã* / *Itan*): São os ensinamento de princípios éticos e morais necessários para a aprendizagem da vida. A essas narrativas orais, deu-se o nome de *Itan*, vocábulo que tem como significado conto, história. (FREITAS; SOUZA, 2012, p. 01).





representa a cura das doenças que cobriam o corpo do jovem orixá. A ideia de ter as pipocas sobre a cabeça, fazia uma relação com curar cada um que por ali passasse, realizando uma chuva de pipocas sobre as suas cabeças.

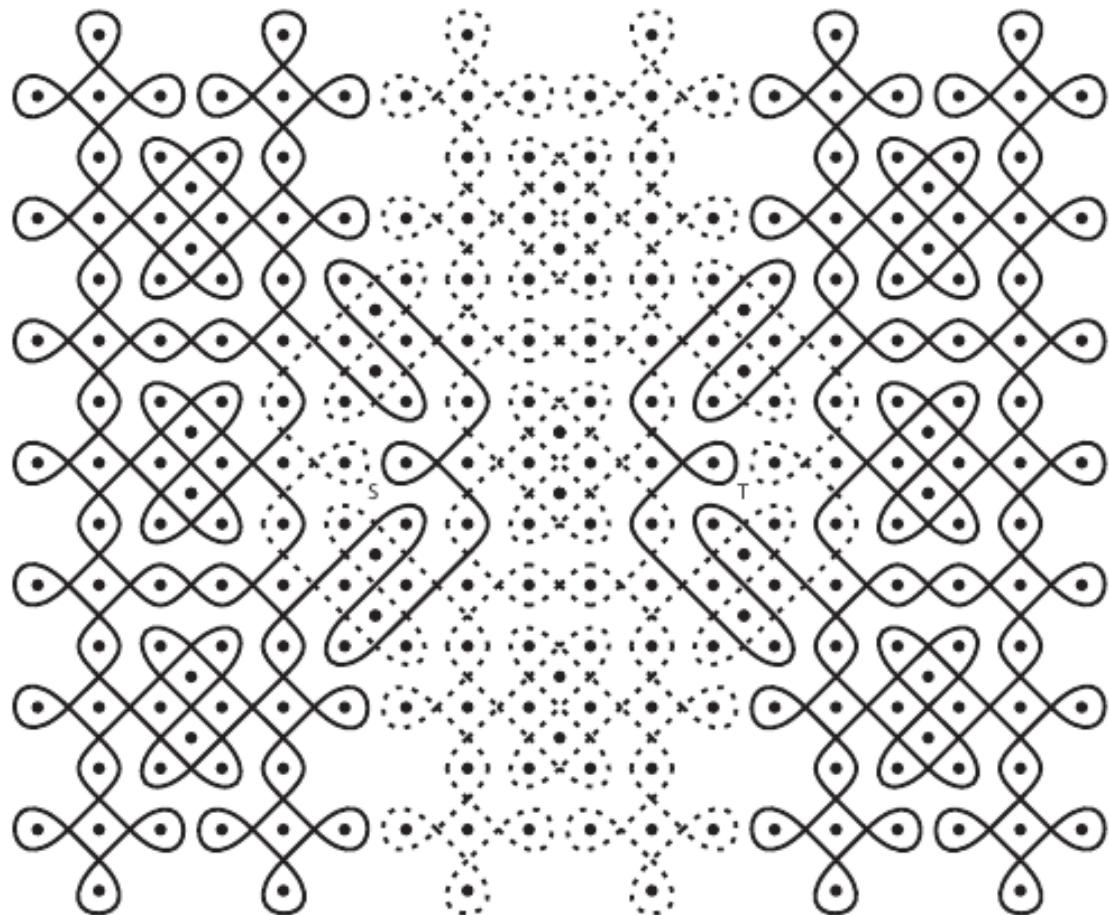
Outro local fascinante dentro daquele terreiro, era o altar dos atabaques. Eram três, e estavam dispostos sobre uma armação de madeira onde ficavam com a base encaixada, e igualmente distanciados entre si.

O som daqueles instrumentos me despertava um encantamento indescritível. Desde a primeira vez que ouvi as músicas cantadas e tocadas, fiquei absorvido pela forma como se transmitia sons com tanta velocidade e harmonia. Na minha opinião, cada pessoa que adentra um espaço de candomblé se sente impactada com um aspecto do local, de minha parte, o que mais impactou foram os batuques, a sonoridade dos atabaques.





mewàá 10





A vida em Carapebus: Mudança de ares necessária.

Com o passar dos anos e o avanço da violência, dona Teresa teve que se retirar da comunidade de Cordovil, onde morou por anos e era reconhecida e respeitada como importante mãe-de-santo local. A criminalidade crescente causou diversos eventos de perigo para a família, fazendo com que a decisão de se mudar para o interior do Estado do Rio de Janeiro fosse tomada.

A localidade de destino para dona Teresa e sua família foi a cidade de Carapebus, região vizinha a cidade de Macaé. Carapebus é a cidade natal de Moacir da Rocha, esposo de dona Teresa. Cidade tranquila, com oportunidades de emprego para os filhos e netos, foi a opção que trouxe tranquilidade para o coração de toda a família.

A transferência do terreiro para Carapebus foi um processo que teve que ser acelerado, pois a





criminalidade não permitiu que os rituais fossem realizados com o tempo que se exige para mover o axé de um local para outro. Mesmo assim, os rituais básicos foram realizados, e uma nova casa de axé foi construída no quintal da casa onde dona Teresa e sua família foram residir.

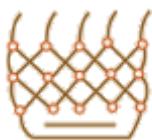
Nesse novo espaço, cercado de natureza, e com uma tranquilidade típica de cidade do interior, dona Teresa continua realizando sua missão espiritual iniciada na juventude. Hoje, aos 82 anos, permanece rigorosamente cumprindo suas obrigações com os orixás. Diariamente realiza as orações de agradecimento pela saúde e proteção de seus familiares.

Passei a entender essa forma de estabelecer contato com as forças da natureza através da oração, como algo que também era desenvolvido entre os “conhecedores-tradicionalistas” da tradição africana. Nessa forma de relação com a natureza, o ser humano desenvolve a capacidade de conectar-





se com tudo a sua volta, internalizando energias através de reflexão, meditação e oração³.

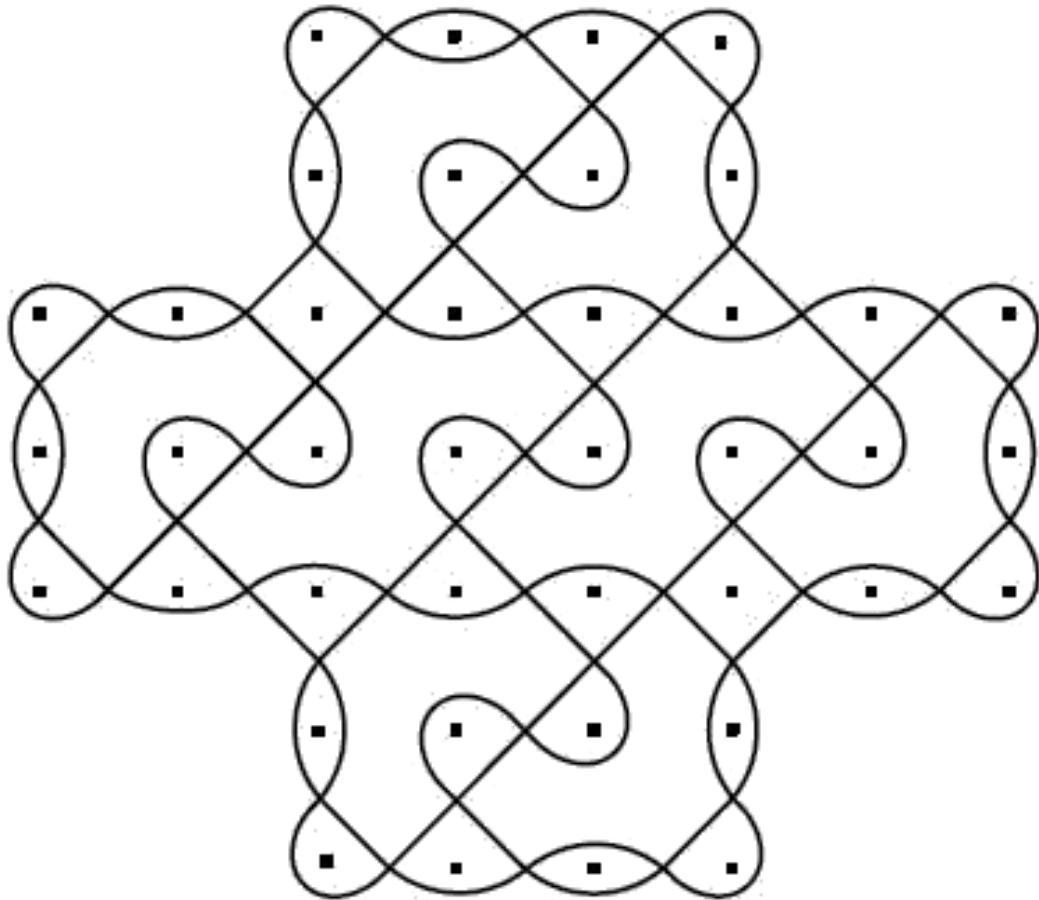


³ O escritor malinense Amadou Hampâté Bâ descreve as características da atuação dos homens de conhecimento (os conhecedores-tradicionalistas): “... para os homens de conhecimento (silatigui para os fulas, doma para os bambaras), [...] o homem se ligava de maneira muito sutil e viva a tudo que o cercava. [...] Esteja à escuta [...] Tudo fala, tudo é palavra, tudo procura nos comunicar um conhecimento ...” (BÂ, 2013, p. 27)





Atividades





Agora é hora de fazer com as próprias mãos;

Operação...



MÃO NA MASSA





PROPOSTA DE ATIVIDADE DIDÁTICA

O trabalho acima apresentado foi baseado na realização de uma entrevista com uma personalidade considerada marcante para o tema do enfrentamento ao racismo. Essa personalidade – a mãe-de-santo Dona Teresa Tavares – passou por uma entrevista semi-estruturada (programada com questões diretas relacionadas a questões que precisam respondidas dentro do trabalho) e sua narrativa de vida foi transformada no texto de contação de História que foi apresentado acima.

Esse trabalho teve como objetivo expor o protagonismo de uma líder religiosa brasileira, negra, de habita as camadas humildes da sociedade, e que se dedicou durante 50 anos à tarefa de dar apoio espiritual as pessoas que lhe procurassem. No caso de Dona Teresa o conforto espiritual foi o apoio oferecido, mas existem outras pessoas que conhecemos em nossa vida comum que nos dão





apoio, fortalecendo nossa vontade para alcançar objetivos, nos aconselhando em momentos de dúvida, orientando quando algum tipo de dificuldade nos deixa receosos sobre qual caminho seguir.

No caso desse trabalho a personalidade que foi entrevistada teve uma relação intensa com a construção de valores positivos sobre Respeito Religioso, um tema fundamental em nossos tempos. Compreender e respeitar a diversidade cultural que forma o nosso país é fundamental para a construção da sociedade que pretendemos, com menos ódio, e mais compreensão e respeito.

O objetivo da atividade que será estimular estudantes na realização de atividades relacionadas a Narrativas de Vida. A temática desse trabalho foi estimular o desenvolvimento do respeito religioso. Seja você de qual religião for, é importante saber que a religiosidade é uma característica individual, que deve ser respeitada por todos. O Brasil tem passado





por um crescimento de ações de violência para com praticantes de religiões de matriz africana (candomblé, umbanda) que tem contribuído para que pessoas que praticam essas religiões se sintam com receio – medo – de declarar sua religião para seus amigos, nos ambientes escolares, nos treinamentos esportivos, etc.

As religiões de matriz africana se formaram no Brasil devido a experiência histórica chamada Tráfico Negreiro, onde milhões de seres humanos africanos foram sequestrados na África e enviados para o nosso continente (América) sendo escravizados. Esses africanos trouxeram sua cultura religiosa e aqui quando os diversos povos africanos se reuniram eles construíram a religiosidade que mantinha ligação com a África, seu local de origem.

As pessoas que tem uma forte ligação com a História dos ancestrais africanos encontram nas religiões de matriz africana uma forma de se relacionar com a História dos antepassados. Mesmo





quem não tem esse tipo de relação com os antepassados africanos e a história da tradição negra precisa aprender o Respeito Religioso, nas relações com as diversidades. Para conviver em sociedade devemos respeitar as diferenças, as escolhas e as opções de todas as pessoas.

Agora é a sua vez. Você também pode entrevistar uma personalidade de resistência.

O leitor desse trabalho está convidado a pensar sobre duas características presentes no texto: como identificar e lutar contra o racismo religioso; e o papel de pessoas que estimulam o respeito a diversidade na formação da sociedade que queremos.

A primeira etapa pode ser chamada de: **Quero saber o que significa esse Racismo Religioso.**





Se você ainda não ouviu falar sobre essa ideia, leia o texto de Wanderson Flor do Nascimento **“Fenômeno do Racismo Religioso: Desafios para os povos tradicionais de Matrizes africanas”** publicado em:

<http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/viewFile/515/279>

Depois de ler o artigo de Wanderson Flor, (peça ajuda ao seu professor sobre as dúvidas em palavras e conceitos existentes no artigo) discuta com seus colegas de turma que também leram as o livro “Esse terreiro tem História” sobre como devemos nos comportar em situações de ataque contra o direito de prática religiosa – é importante lembrar que os ataques mais constantes não são os que envolvem violência física, e sim os que envolvem violência verbal.

A segunda etapa pode ser chamada de: **“Conhecendo alguém especial”**





Nesse momento do trabalho, você irá pensar nas pessoas de suas relações, e identificar alguém – um parente, um professor, um vizinho, um treinador de esportes, etc – que seja uma referência de comportamento: alguém que tenha trocado ensinamentos, falado sobre o respeito com as diversidades/diferenças entre as pessoas (sejam raciais, religiosas, sexuais, etc).

Ao identificar uma personalidade que marcou sua vida, você já pode realizar uma atividade de entrevista semi-estruturada (entrevista com roteiro fechado). Para iniciar a entrevista você deve responder sozinho a seguinte pergunta: **“Qual motivo torna essa pessoa especial em minha vida?”**

Depois de ter claro a resposta da pergunta acima, você deverá preparar um roteiro simples de perguntas (uma dica: faça perguntas que o entrevistado tenha facilidade de entender, não faça





rodeios, ir direto ao ponto é fundamental para recolher boas respostas).

A Entrevista

Inicie pedindo para o entrevistado falar o nome completo;

1: O senhor (senhora) acha que existem diferenças entre pessoas por causa da cor da pele?

2: O senhor (senhora) já passou por algum tipo de preconceito?

3: Na sua opinião, é correto atacar pessoas por causa da sua diferença de escolha religiosa?

4: O senhor (senhora) já foi atacado (de forma física ou apenas com palavras) devido a sua religiosidade?

5: O senhor (senhora) poderia falar sobre o que entende por *Respeito Religioso*





Após recolher as respostas da entrevista (preferencialmente em um gravador de voz, ou aplicativo de gravação de voz para celular) faça a transcrição – escreva em papel as perguntas seguidas das respostas, exatamente do jeito como foram respondidas – e salve a gravação em um arquivo em pelo menos dois locais (pen-drive e cd).

Nesse momento, você deverá analisar as respostas da sua entrevista e perceber se o entrevistado apresentou ideias que estimulam o respeito religioso. A proposta desse trabalho é, fortalecer ideias que são definidas com a expressão Respeito Religioso, levando os leitores do material educacional à repensarem seus valores e opiniões a respeito da diversidade cultural de matriz africana.

Ficha de controle e registro da atividade

Nome da Instituição de Ensino
Professor:
Disciplina:





Ano/Série/Turma:
Ensino Fundamental ou Ensino Médio
Quantidade de Alunos:
Tema:
Objetivo Geral:
Número de aulas:
Aula 1: Quero saber o que significa esse Racismo Religioso.
Tempo de aula: 150 minutos (3 tempos de aula)
Objetivo específico: Estimular os estudantes a perceberem o significado da expressão “Racismo Religioso” e os resultados desse fenômeno na sociedade.
Recursos didáticos: O artigo “Fenômeno do Racismo Religioso: Desafios para os povos tradicionais de Matrizes africanas” de Wanderson Flor do Nascimento
Elemento disparador (motivação) – A leitura do livro “Esse terreiro tem História”.
Desenvolvimento da aula: Após ouvirem a contação das Histórias do livro “Esse terreiro tem História” os estudantes serão convidados a realizar um processo de construção de ideias para identificar ações racistas, tendo como foco o racismo contra as religiões de matriz africana. Com a leitura do artigo de Wanderson Flor, alguns debates serão estimulados sobre as





opiniões sobre o que os alunos pensam sobre as religiões de matriz africana e sobre a violência contra os praticantes dessas religiões.

Avaliação:

O docente deverá avaliar o envolvimento dos estudantes com a tarefa, e perceber se eles entenderam a questão do direito a liberdade religiosa.

Aula 2:

Conhecendo alguém especial

Tempo de aula:

Atividade externa, que possivelmente levará entre 40 minutos e 1 hora.

Objetivo específico:

Estimular os estudantes a realizarem um trabalho de Narrativa de vida, através do método da entrevista semi-estruturada.

Recursos didáticos:

Celular (com aplicativo de gravador de Voz);

Pen-Drive, e CD-R gravável;

Caderno de anotações;

Lápis, caneta e borracha.

Elemento disparador (motivação) –

A leitura do livro “Esse terreiro tem História”, demonstrando que o material foi realizado a partir de um entrevista semi-estruturada para recolher narrativas de vida da protagonista do livro: a mãe-de-santo Dona Teresa Tavares. Demonstrar para os estudantes que eles também podem colher Narrativas de Vida através de uma entrevista.





Desenvolvimento da aula:

A preparação da atividade deve ser feita em sala de aula, com o professor indicando os procedimentos técnicos para a entrevista (deixar a pessoa falar a vontade, não interromper as respostas, não dar opinião sobre o que for falado, manter sempre mais de um gravador disponível).

Avaliação:

Recolher as entrevistas e apresentar em sala de aula para todos os alunos, e discutir o significado das ideias dos entrevistados sobre o respeito religioso.

Referência:

Apresentar trechos do filme “Frost / Nixon”, de Ron Howard; para demonstrar como o método da entrevista deve seguir um esquema fechado.

Apresentar trechos dos filmes “O fio da Memória” e “Jogo de Cena”, de Eduardo Coutinho, chamar a atenção para a forma como o diretor/entrevistador deixa sempre o entrevistado responder as perguntas no tempo que for necessário, sem apressar nem completar nenhuma ideia.





O texto possui referências a elementos cultura africana: dessa forma optei por utilizar na nomenclatura dos capítulos os números *yorubá*:

- | | | | |
|---|---------------|----|--------------|
| 1 | <i>qkan</i> | 2 | <i>méjì</i> |
| 3 | <i>méta</i> | 4 | <i>mèrin</i> |
| 5 | <i>márún</i> | 6 | <i>méfà</i> |
| 7 | <i>méje</i> | 8 | <i>mèjo</i> |
| 9 | <i>mèṣàán</i> | 10 | <i>mèwàá</i> |

Outros elementos da cultura africana utilizados no texto foram os símbolos utilizados pelos povos *Tchokwe*, que habitam regiões entre Angola e Zâmbia. São símbolos de tradição oral que servem para memorizar as Histórias. O nome desse tipo de desenho é *sona* (plural de *lusona* – forma no singular). Foram utilizados 6 *sona* nesse texto. Segue abaixo, uma lista com a descrição desses *sona*:

	Cama do grande chefe; foi utilizado na abertura do livreto. Maiores informações no link
--	--





	Coroa (Toucado) de mulher; foi utilizado no rodapé do texto, simbolizando o poder de rainha da protagonista. Ver link:
	Machado; marcação do rodapé das páginas. Instrumento do orixá Xangô, provedor da justiça.
	Mesa giratória; imagem utilizada no início dos capítulos. Possui um padrão de linhas que nunca se encontram.
	Ventre do Leão; imagem que delimita o início da sessão Atividades. Representa o trajeto de um feixe luminoso. Maiores informações no link:
	Motivo tradicional do Gana; utilizado nos marcadores de parágrafo. Representa simetria rotacional. Link abaixo:

Links para obter maiores informações:

<https://www.obaricentrodamente.com/2015/11/arte-de-contar-historias-em-desenhos.html>

<https://www.matematicaefacil.com.br/2016/08/matematica-continente-africano-sona-desenhos-matematicos-areia.html>





Bibliografia:

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: KIZERBO, Joseph (Org.). História Geral da África, vol. I: Metodologia e Pré-História da África. Brasília: UNESCO, São Paulo: Ática, 2010. p. 167-212.

BÂ, Amadou Hampâté. Amkoullel, o menino fula. São Paulo: Palas Athena Editora, 2013.

BENISTE, José. Dicionário Yorubá – Português. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2016.

JAGUN, Marcio de. Vocabulário temático do candomblé. Rio de Janeiro: Litteris Editora, 2017.

MUNANGA, Kabengele (org.) Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Nacional.

NAPOLEÃO, E. Vocabulário yorùbá: para entender a linguagem dos orixás. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

RAMOS, Ana Cláudia. Contação de Histórias: um caminho para a formação de leitores? Londrina: Dissertação de Mestrado, 2011.

RÉGIS, Sávia Augusta Oliveira. Pretagonizando a contação de Histórias africanas e afro-brasileiras: caminhos pedagógicos para a construção do pertencimento afro. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2017.





“[...] Às vezes, corações que “creem” em Deus
São mais duros que os ateus.
Jogam pedras sobre as catedrais
Dos meus deuses iorubas [...]”

Altay Veloso (música: Defesa do Alabê)





Sobre o Autor:

- ✿ Licenciatura Plena em História pela Fundação de Educação de Duque de Caxias (FEUDUC), concluída em 2004.
- ✿ Docente da disciplina História na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), na Unidade Escolar: **CIEP Brizolão 324 - Mahatma Gandhi**, desde 2010;
- ✿ Docente da disciplina História na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ), na Unidade Escolar: **Ginásio Carioca Aldebarã**, desde 2012.
- ✿ Mestrando em Ensino de História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), dentro do programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTORIA), turma 2016-18.





Agradecimentos ao ilustrador da capa dessa obra: Roberto Sandim Pegler Alvim, (docente da disciplina Matemática na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro - SME-RJ, na Unidade Escolar: Ginásio Carioca Aldebarã), que me honrou com um desenho realístico (realizado entre os dias 7 e 9 de dezembro de 2018) sobre uma fotografia antiga da protagonista da minha dissertação de Mestrado – a Mãe-de-santo Dona Teresa Tavares.

Gratidão pela estupenda colaboração artística que elevou o nível visual desse trabalho. “Valeu demais!!!”





“Esse Terreiro Tem História”:
Ensinando História e Cultura Afro-Brasileira por meio de um estudo sobre o
Candomblé



UFRRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA







